



**Francisco Augusto Canal Freitas\***

**Resenha: Vicente Valero. *Experiencia y pobreza: Walter Benjamin en Ibiza, 1932-1933*. Ediciones Península, Barcelona, 2001.**

Que a vida do autor não sirva para explicar sua obra, eis uma ideia cara a Benjamin. Mas o contrário pode ser verdadeiro, isto é: o impacto da obra sobre sua vida. Não apenas *o que* e *como*, para além da dicotomia forma-conteúdo, também *onde* se escreve é determinante. Pois a escrita tem uma paisagem, uma geografia, uma habitação. E Ibiza, sem dúvida, foi um lugar decisivo para a vida e para a produção literária de Benjamin. Nas duas temporadas que passa na ilha espanhola, entre 1932 e 1933, recolhe experiências e esboça as principais ideias de alguns de seus mais importantes escritos: o ensaio “Experiência e Pobreza” (1933), a *Crônica berlinense* e a *Infância berlinense por volta de 1900*, além de diversas “Imagens de pensamento” e anotações que serão retomadas em “O narrador” (1936).

O livro do poeta e ensaísta ibicense Vicente Valero, *Experiência e pobreza: Walter Benjamin em Ibiza, 1932-1933*, mais que uma simples biografia, é uma pesquisa minuciosa das experiências de Benjamin durante aquelas breves estadias na ilha. O escritor catalão, como um detetive-historiador, investiga os rastros deixados em cartas, diários, jornais e relatos de outros habitantes ibicenses, revelando os caminhos e as hesitações que perpassam o pensamento do filósofo alemão. O título de cada capítulo remete a personagens que habitaram a ilha e às experiências compartilhadas entre eles. Assim, o que aparece em relevo não são as idiossincrasias do filósofo, mas o que se poderia chamar (em sentido não kantiano) de *condições de possibilidade da experiência*. Ou seja: quais são as condições que possibilitam a Benjamin viver, escrever e transmitir uma experiência autêntica (*Erfahrung*).

---

\* Professor do CEFET-MG. Doutorando em Filosofia pela PUC-SP. E-mail para contato: [franciscoaugustocf@gmail.com](mailto:franciscoaugustocf@gmail.com).

As razões que levam Benjamin a deixar a Alemanha são, sobretudo, políticas e econômicas: a ascensão do nazismo e a alta inflação. Com pouquíssimos recursos, Benjamin procura uma saída. Por um fortuito encontro numa rua de Berlim no inverno de 1932 com um velho conhecido, Felix Noeggerath, surge-lhe a proposta de ir para Ibiza. No início dos anos 1930, Ibiza era uma pequena ilha esquecida, fora do comércio internacional, portanto, barata para os europeus empobrecidos no pós-guerra. A ilha era ainda uma paisagem insólita, primitiva. Com um pequeno povoado de trinta mil habitantes, em sua maioria, pescadores e agricultores que trabalhavam em suas “fincas” com métodos arcaicos de subsistência, guardava uma viva tradição formada por várias civilizações. Esse isolamento (*aislamiento*, literalmente “ilhamento”), geográfico e histórico, gerou imagens de uma utopia paradisíaca. Por sua natureza e sua cultura típicas, atraiu zoólogos, arqueólogos, etnólogos, fotógrafos e arquitetos.

Um deles, o filólogo e etnólogo Walther Spelbrink, mudou-se para Ibiza em 1931, a fim de estudar a língua e os costumes insulares. Uma das características típicas que descobre é a relação singular entre as palavras e as coisas, como destaca Valero: “tinha um espaço para cada coisa, e cada espaço e cada coisa tinha um nome particular. A casa era o mundo. [...] um mundo no qual, ademais, o tempo parecia ter se detido.” (p.14-15) Mais que mera representação, as palavras são testemunho da relação dos homens com as coisas, e o espaço que elas ocupam as particulariza, bem como seu nome. A questão da linguagem, que atravessa toda a obra de Benjamin, encontra em Ibiza paisagem propícia. Durante uma de suas caminhadas pela ilha, o filósofo se deita sob uma árvore e percebe em seu movimento a ligação originária entre os seres e sua linguagem, “como um discurso em imagens”.<sup>1</sup> No encontro de Benjamin com a natureza e a arquitetura de Ibiza, Valero destaca como o filósofo apreende concretamente o que antes consistia em reflexão teórica.

A arquitetura tradicional de Ibiza serviu de referência para muitos arquitetos modernistas, dentre eles, Germán Rodríguez Arias (arquiteto que projetou a casa de Pablo Neruda em Isla Negra). A *finca ibicenca* construída pelos camponeses, modelo prototípico da casa unifamiliar, estrutura-se em módulos cúbicos independentes, com uma função específica para cada cômodo, que se articulam em torno de um pátio central ou *porxo*.<sup>2</sup> Uma arquitetura sóbria e funcional, cujos espaços vazios, livres de

1 BENJAMIN, Walter. A árvore e a linguagem, Sombras curtas (ii), Imagens de pensamento. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.272 (Obras Escolhidas v.2). Doravante citado como *OE II*.

2 Cf. KELOSA. *La finca ibicenca. Guia de la arquitectura rural tradicional de Ibiza*. Disponível em: <http://www.kelosa.com/blog/es/arquitectura/la-finca-ibicenca-guia-de-la-arquitectura-rural-tradicional-de-ibiza/>. [Consultado em outubro de 2016]

ornamento e decoração, valorizam os objetos de utensílio diário, opondo-se radicalmente ao abarrotado e sufocante interior burguês. Atraído pela singularidade e simplicidade dessas casas, Benjamin descreve (entre abril e maio de 1932), como diante das paredes brancas, com três ou quatro cadeiras enfileiradas, um *sombrero* pendurado, um remo ou uma rede de pesca, que mudam de lugar e função de acordo com a necessidade e o uso, cada objeto se torna precioso. “E o segredo de seu valor é a sobriedade – aquela austeridade do espaço vital no qual elas têm não apenas os lugares visíveis, que elas têm agora, mas também espaço para ocupar os lugares sempre novos, aos quais são chamadas”.<sup>3</sup>

Em seu arcaísmo, propiciado pelo isolamento histórico-geográfico da ilha, as construções campesinas ibicenses antecipavam paradigmaticamente o manifesto arquitetônico modernista contido na Carta de Atenas do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), de 1933. “A arquitetura moderna parecia estar resumida naquelas moradias arcaicas”, analisa Valero (p.19). Esse contraste entre as arquiteturas burguesa e modernista é descrito por Benjamin em “Habitar sem rastros”<sup>4</sup> (retomado integralmente no ensaio “Experiência e pobreza”). Na arquitetura burguesa de interior, com suas caixas e estofados, “habitar significa deixar rastros”<sup>5</sup>. A esse modo de habitar do século XIX, Benjamin contrapõe uma frase de Brecht: “Apague os rastros!”. Em sua própria experiência na ilha, vivendo não numa casa modernista de ferro e vidro, mas num minúsculo cômodo em construção, o filósofo berlinense quase não deixa vestígios. Mas Valero, como um detetive atento, persegue a pista que Benjamin aponta num “Pequeno guia dos esconderijos”: “Esconder significa: deixar rastros. Porém, invisíveis”.<sup>6</sup> Como no conto “A carta roubada”, de Allan Poe.

Em sua primeira viagem a Ibiza, Benjamin carrega consigo um pequeno caderno, espécie de “diário de viagem”, onde anota diversas observações e pequenas histórias que recolhe, especialmente do capitão do navio. A questão da narração, ou de seu fim, acompanha Benjamin desde 1929, encontrando em Ibiza um local propício para investigação, por seu isolamento e sua tradição ainda viva. Os tipos arcaicos de narradores, descritos por Benjamin em “O narrador”, são o agricultor sedentário e o marinheiro mercante: dois personagens que habitavam a ilha. O primeiro narra uma viagem no tempo; o segundo, uma viagem no espaço. Em suas viagens, Benjamin

3 BENJAMIN. Espaço para o precioso, Sequência de Ibiza, Imagens de pensamento. *OE II*, p.249.

4 BENJAMIN. Habitar sem vestígios, Sombras curtas (ii), Imagens de pensamento. *OE II*, p.274.

5 BENJAMIN. Paris, capital do século XIX. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p.46

6 BENJAMIN. O coelho das Páscoa descoberto ou Pequeno guia dos esconderijos, Imagens do pensamento. *OE II*, p.244.

encontra o ponto de interseção entre os dois: viagem no espaço (as cidades), viagem no tempo (a infância).<sup>7</sup> Ao escutar, escrever e recontar histórias, isto é, experiências transmitidas oralmente, Benjamin faz da narração uma questão tanto teórica quanto prática. “Viajar é também uma maneira de reunir histórias”, diz Valero (p.42). Em uma de suas anotações de viagem, Benjamin medita sobre o tópico de Horácio, segundo o qual “pode-se fugir de sua pátria, mas não por isso conseguirá escapar de si mesmo” (*Tu não te moves de ti*, diz Hilda Hilst). E descobre que a viagem opera uma transformação de si, de modo que não se é mais o mesmo. É nesta dupla distância – espacial e temporal – que pode reencontrar e narrar fragmentos da infância em Berlim.

Ao chegar a Ibiza em abril de 1932, Benjamin instala-se com a família Noeggerath em San Antonio, longe da Vila, numa velha casa rural de arquitetura tradicional, cujo aluguel seria pago com seu restauro. Nesta época, sua pobreza era, de fato, econômica, não de experiência: mantinha-se com apenas 1,80 marcos diários. Acordava todos os dias às sete horas, tomava banho de mar e de sol, depois fazia longas caminhadas, que poderiam durar até catorze horas. A ilha estava quase deserta. A paisagem era o encontro perfeito e harmonioso entre uma natureza praticamente intacta e uma cultura arcaica. As caminhadas pelas montanhas e bosques eram como o exercício prototípico do viajante solitário que ao atravessar longas distâncias (*fahren*) faz do andar uma experiência (*Er-fahrung*) narrável. Diferentemente, a figura moderna do *flâneur* urbano, cuja andança na cidade grande faz-se ao encontro de mercadorias, não ultrapassa a esfera do consumo e da vivência (*Erlebnis*) do indivíduo solitário, incapaz de narrar. Nas caminhadas de Benjamin pela ilha, paisagem e linguagem se interpenetram nos nomes singulares das coisas: árvores, pedras, formações geológicas são anotadas nas imagens de pensamento de “Sequência de Ibiza”. Valero observa que “Ibiza está presente em cada uma destas reflexões como espaço que as faz possível” (p.63). A ilha é um microcosmo. Caminhar é uma maneira de conhecer e de contar.

Uma das poucas e singulares companhias do filósofo na ilha, Jean Jacques, filho de Felix Noeggerath, desenvolvia em Ibiza uma pesquisa sobre as palavras originais do dialeto local, uma língua que estava em vias de esquecimento. Em companhia do jovem Noeggerath, Benjamin escuta e recolhe narrativas dos habitantes da ilha, histórias seculares transmitidas oralmente. As festas tradicionais e o trabalho artesanal (principalmente a tecelagem e a construção desempenhadas pelos ilhotes) são a condição propícia para os narradores, dos quais o pensador atento recolhe

---

7 Cf. SZONDI, Peter. *Nota*. In: BENJAMIN. *Immagini di città*. Torino: Einaudi, 1980, p.101.

relatos e canções. Assim como o narrador conta o que outros já contaram, ao recontar e reescrever as histórias (em parte reais, em parte fictícias), Benjamin pretende recuperar a “faculdade de transmitir experiências”, “fundamento da arte de narrar” (p.36). Em uma de suas anotações, Benjamin reflete sobre a “cura através da narrativa”<sup>8</sup> a partir de um relato da Senhora Noeggerath. Porém, a narração interessa a Benjamin justamente por ser uma arte em declínio, como observa em “Experiência e pobreza” e, mais tarde, em “O narrador”.

Os primeiros meses em Ibiza foram ricos em experiências, apesar da pobreza econômica. Sempre hesitante entre a permanência e a partida, em julho de 1932 Benjamin decide voltar a Berlim por medo de perder seus manuscritos sobre as *Passagens*, projeto que havia começado em 1927. Mas receia o retorno, sobretudo pela ascensão de Hitler ao poder. Sua situação financeira havia piorado drasticamente com a perda de vínculos com a imprensa e a rádio alemãs, conseguindo publicar poucos artigos com o uso de pseudônimos. O caráter fragmentário de seus escritos se deve em parte à precariedade de sua situação material. Com a proximidade de seu aniversário de quarenta anos, sem qualquer perspectiva de futuro, começa a pensar em suicídio. No entanto, aquela primeira breve temporada em Ibiza lhe renderia ainda outros caminhos e, principalmente, uma redescoberta do passado. “Do mesmo modo que, fugindo do futuro, seu passado pessoal se havia convertido no objeto principal de seu olhar e de seus escritos, a ilha de Ibiza, um espaço onde outro passado, o da humanidade mesma, seguia milagrosamente vivo, se converteu em objeto de reflexão permanente” (p.84). No entanto, essa imagem primitiva, paradisíaca, pitoresca, começa a dissolver-se. A partir de 1933, com a inauguração do primeiro hotel de Don Rosello em Ibiza, chegam à ilha o turismo e o desenvolvimento econômico.

Ao retornar em abril de 1933, então como exilado, Benjamin não encontra a mesma paisagem. A fama de Ibiza como “paraíso perdido” havia se espalhado, o que promoveu o crescimento turístico, novas construções, conseqüentemente, aumento dos aluguéis e do custo de vida. Ibiza vivia uma rápida transformação, do tradicional ao moderno. Em meio à colônia de estrangeiros na ilha, haviam turistas, exilados alemães e, entre estes, espiões da Gestapo – inclusive Maximilian Verspohl, que ajudava Benjamin como “secretário”, escrevendo à máquina seus artigos, no final de 1933 é nomeado Chefe as Seção das SS em Hamburgo. Às vésperas da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial, a ilha, que servira de refúgio para fugitivos, tornara-se alvo estratégico. O general Franco visita Ibiza nesse ínterim e, em direção

---

8 BENJAMIN. Conto e cura, Imagens de pensamento. *OE II*, p.276. Tema retomado em A febre, Infância berlinense por volta de 1900. *OE II*, pp. 108-112.

ao farol, passa perto da casa onde Benjamin estava hospedado. O destino parecia lhe acostrar por todos os lados. Tanto que, em junho de 1933, dois meses após sua chegada, Benjamin ficou conhecido no povo como “o miserável” (*es miserable*), “devido a sua manifesta pobreza e a seu triste aspecto”, observa Valero (p.97): se alimentava mal, mudava constantemente de moradia, uma mais precária que a outra, além de ter rompido com os poucos amigos que tinha na ilha. Por fim, muda-se para uma casa em construção, sem vidros nas janelas, perto da casa onde morou no ano anterior (conhecida como *La Casita*, do casal Selz). Valero transcreve algumas linhas da carta de Benjamin a Jula Radt-Cohn, na qual relata sua situação com algum olhar positivo: “Até chegar aqui, minha vida foi a de um nômade [...]. As janelas sem vidro de minha habitação enquadram para mim as imagens mais belas. Este é o único cômodo provisoriamente habitável de uma casa em estado bruto na qual todavia se deverá trabalhar durante muito tempo e da qual eu serei o único habitante até que a terminem. Me instalei aqui e reduzi a um mínimo dificilmente traspassável os limites do que me é necessário e do que dependo” (p.100-101). É nesta habitação que escreve “Experiência e pobreza”.

Mesmo sob tal condição precária de subsistência, Ibiza transformava-se para Benjamin em uma paisagem onírica. Das poucas companhias de Benjamin na ilha, Jean Selz foi uma das mais constantes. Entre seções de haxixe e ópio, trabalhavam juntos na tradução da *Infância berlinense* para o francês. Essas experiências embriagantes e os sonhos sob a luz da lua que atravessava a janela sem vidraça tornavam-se imagens de pensamento. “O pensamento em imagens que perseguia Benjamin para si mesmo – descreve Valero – tinha na lógica dos sonhos uma fonte primordial. Ao que parece, o que lhe importava, mais que sua interpretação, era o sonho mesmo, suas imagens e sua linguagem, como fonte da imaginação, em uma justaposição de elementos muito próxima à que pretendia para sua própria escrita.” (p.114) Assim como o sonho, a embriaguez era uma forma de ampliação ou aprofundamento da percepção e do conhecimento: “a embriaguez provocada pelas drogas revelava um estado mais profundo do conhecimento. A percepção dos objetos através da embriaguez dava um novo sentido aos próprios objetos e, sobretudo, à linguagem criadora” (p.115). Outra forma de embriaguez, como se sabe, é o amor. Nesse período, Benjamin se apaixona pela holandesa Anna Maria Baupot tem Cate (Toet tem Cate), para quem escreve poemas e dedica o esotérico escrito autobiográfico *Agesilaus Santander*, como presente de aniversário.

Não bastasse a pobreza, sua saúde piora com uma infecção na perna. Muda-se de San Antonio para a Vila de Ibiza em busca de cuidados médicos. Mas só depois irá descobrir que estava com malária. Sem ter condições de prolongar sua estadia, deixa a ilha em 26 de setembro de 1933. Em Paris, começa verdadeiramente sua vida de exilado político, mudando-se de casa em casa, de hotel em hotel, de cidade em cidade. Com o início da Segunda Guerra em setembro de 1939, é levado ao campo de trabalhos forçados de alemães não-nacionalizados franceses, depois ao “centro de trabalhos voluntários” em Nevers, de onde consegue sair devido à ajuda de influentes amigos franceses. Tenta fugir para os Estados Unidos passando pela Espanha. Após a longa travessia dos Pirineus, é detido na fronteira franco-espanhola de Portbou, onde comete suicídio.

A ilha de Ibiza permanece como paisagem nos escritos de Benjamin, mesmo após sua partida. O relógio da torre ressoa ainda no ensaio “O narrador”, publicado em 1936. “ULTIMA MULTIS”, diz a inscrição no relógio, marcando que esta hora é a “última para muitos”. A transmissão da experiência pelo moribundo, cena que abre o ensaio “Experiência e pobreza”, retrabalhada em “O narrador”, tem desaparecido. O declínio da experiência e da sua transmissão, isto é, da arte de narrar, talvez tenha sido a principal experiência de Benjamin em Ibiza. Ao recontar e recriar as histórias, pretendia preservar a “faculdade de transmitir experiências”, pois o narrador sempre conta histórias que outros já contaram. Para Valero, que reconta várias histórias da ilha, Benjamin havia encontrado em Ibiza o “mundo antigo em processo de dissolução” (p.37). Transmitir essa perda, ao invés de simplesmente lamentá-la, ou seja, narrar essa pobreza de experiência, talvez tenha sido o principal legado de Benjamin.